

QUANDO ME VEJO, EXISTO: A VALORIZAÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM UMA TURMA DE 3º ANO DA REDE MUNICIPAL DE FORTALEZA

Juan Jackson Duarte da Costa¹

¹Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino (PPGEEN) da Universidade Estadual do Ceará, juan.jackson@educacao.fortaleza.ce.gov.br

Introdução

A educação antirracista é uma demanda social, política e humana e deve ter lugar de destaque nas currículos escolares. Dito isso, o presente trabalho ilustra práticas pedagógicas voltadas para a valorização de identidades negras a partir de vivências com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Fortaleza (CE).

Em seus escritos, Candau (2012) traz pesquisas que apontam que escolas com resultados mais baixos têm altos índices de preconceito e práticas discriminatórias. Para a autora, ir na contramão dessa realidade requer desconstruir a perspectiva de monocultura nas escolas a partir de uma educação intercultural, pois ela é “elemento fundamental na construção de sistemas educativos e sociedades que se comprometem com a construção democrática, a equidade e o reconhecimento dos diferentes grupos socioculturais que os integram” (Candau, 2012, p. 242).

Não há formação intercultural sem o desenvolvimento de práticas antirracistas e, considerando o embranquecimento histórico do currículo escolar que não traz referências negras para as crianças, é fundamental que utilizemos de nossa autonomia docente para “empretecer” o currículo, oportunizando que as crianças negras filhas da classe trabalhadora consigam se enxergar nas práticas pedagógicas. Assim, atendemos à necessidade da interculturalidade na escola e, principalmente, à urgência da construção de uma sociedade antirracista, que há de se forjar, primeiramente, em uma educação antirracista. Pinheiro (2023, p. 132, grifo nosso) nos ajuda a compreender o papel do professor e da professora ao dizer que

A escola e, por sua vez, a professora e o professor precisam pautar a equidade racial em toda a sua estrutura: no corpo profissional, principalmente na ocupação dos espaços de poder escolares; na construção curricular, pautando os conhecimentos ancestrais africanos e indígenas fora de um lugar de estereotipagem e de rebaixamento; [...] **apresentar intelectuais e personalidades negras** e indígenas aos/as estudantes, objetivando ressignificar a noção de humanidade e inteligência ainda hoje.

A base da proposta desenvolvida com a turma em questão reside, exatamente, em apresentar personalidades negras, a fim de que as crianças tenham referenciais para que fujam da pessoa branca bem sucedida, de modo que consigam se enxergar/projetar nessas personalidades.



Vale ressaltar que o apagamento de referenciais negros no currículo escolar faz parte de um projeto histórico de destruição de nossa identidade e ancestralidade. Esse apagamento perpassa questões de raça, classe e gênero que, ao se cruzarem, formam um sistema de opressão estrutural e interligado, como aponta Akotirene (2019) ao descrever o conceito de interseccionalidade.

Levantar essas questões com crianças e jovens é um chamamento para romper com as estruturas de uma sociedade racista e eurocentrada, sendo indiscutível a escola como instituição com maior potência para comandar e efetivar essa revolução.

Em síntese, e alicerçado nos conceitos supracitados, os objetivos do presente trabalho são promover práticas pedagógicas antirracistas; descrever práticas exitosas no Ensino Fundamental; discutir a importância de dialogar sobre interseccionalidade na Educação Básica e analisar os impactos de atividades que promovam o autorreconhecimento de crianças negras.

Metodologia

A atividade foi realizada com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de Fortaleza. Trata-se de um recorte do conjunto de atividades desenvolvidas ao longo do ano com a referida turma. Inicialmente, as crianças foram questionadas sobre quais pessoas negras conhecem e admiram. Durante o momento inicial e por todo o desenvolvimento da proposta, foram discutidos conceitos como: antirracismo, racismo, interseccionalidade e autorreconhecimento, com adequação à linguagem das crianças de modo a facilitar o entendimento. No segundo momento, a partir da fala das crianças, o professor trouxe biografias de personalidades negras, apresentando-as à turma, discutindo a estrutura do gênero textual em questão e ressaltando a importância de (re)conhecer pessoas negras, em uma perspectiva de valorização. A etapa seguinte trouxe a proposta da construção de um mural intitulado “em quem eu me vejo?”, construído com os estudantes através da mediação do professor, em que a turma trouxe imagens de mulheres e homens negros nos quais podem se inspirar (previamente o professor apresentou algumas personalidades e disponibilizou uma lista para orientar as pesquisas das crianças e famílias). Por fim, as crianças puderam compartilhar entre seus pares o porquê da escolha de cada personalidade e finalizar a construção do mural que foi exposto para toda a escola.

Resultados e discussão

O primeiro impacto da atividade realizada reside no fato de que as crianças têm poucas (ou nenhuma) referências negras. Isso fica evidente quando, ao fazer o levantamento de pessoas negras que as inspiram, impera o silêncio. Poucos se manifestam, enquanto um estudante ou outro tenta lembrar/pensar em algum nome. Uma das crianças citou o nome do jogador de futebol Pelé, enquanto outra questionou se Neymar é negro antes de citá-lo. Com isso, podemos compreender que, além de poucas referências negras, as únicas citadas são homens, o que Akotirene (2019) explicaria através do conceito de interseccionalidade, considerando que o apagamento das mulheres se dá por conta de diversos atravessamentos, não só o de raça, mas também o de gênero.

Essa situação ilustra o que Bárbara Carine (2023) nos traz em uma de suas obras mais

conhecidas (Como ser um educador antirracista), ao falar da importância de mostrar às crianças personalidades, intelectuais, pessoas negras de modo geral, para que as referências não

continuam a ser embranquecidas e, assim, esses meninos e meninas possam se ver em diversos papéis sociais. A turma conheceu personalidades como Bárbara Carine, Conceição Evaristo, Taís Araújo, Lázaro Ramos, Emicida, Jaqueline Goes de Jesus, Elza Soares, Dayane dos Santos, entre tantas outras. Vale ressaltar que a maior parte dos nomes apresentados foram mulheres, de forma intencional, de modo a influenciar a construção de referências que não sejam patriarcalizadas.

O estudo sistemático do gênero textual ‘biografia’ também figurou como um dos destaques da proposta desenvolvida com a turma. O professor mediou o entendimento da função social desse gênero textual bem como o reconhecimento de sua estrutura e elementos principais, partindo da apresentação de biografias de mulheres negras, como algumas das já citadas anteriormente. O papel do professor como adulto que oportuniza o contato com situações de letramento é destacado por Ferreira (2011, p. 58-59):

A criança se vê continuamente envolvida, como agente e observador, no mundo “letrado”. Os adultos lhe dão a possibilidade de agir como se fosse leitor – ou escritor –, oferecendo múltiplas oportunidades para sua realização (livros de histórias, periódicos, papel e lápis, tintas etc.). O fato de poder comportar-se como leitor antes de lê-lo, faz com que se aprenda precocemente o essencial das práticas sociais ligadas à escrita.

Os livros didáticos e livros de literatura infantil voltados ao processo de alfabetização e letramento, não apresentam, de maneira satisfatória, enredos, histórias, personagens e personalidades negras. Embora essa situação esteja se modificando a passos lentos, ainda é grande a ausência de materiais afroreferenciados. Sendo o professor um dos principais atores que apresentam o universo letrado às crianças, é crucial utilizar-se da autonomia docente para trazer materiais que falem positivamente da cultura afro-brasileira e de personagens negros (reais ou fictícios), adotando uma postura pedagógica antirracista.

Ao entrar em contato com a história de vida de mulheres negras a partir de suas biografias, a turma pôde construir novas referências, inspirações, de modo a auxiliá-las no processo de reconstrução de sua autoestima enquanto crianças negras, ao se enxergarem, através de seus pares, que, por sua vez, são escritores, cientistas e artistas.

A legislação assegura que as escolas devem trazer para o currículo a cultura africana e afro-brasileira:

[...] aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 2008, art. 1, inc. 1).

Considerando a legislação vigente, ao desenvolver a atividade de construção do mural “em quem eu me vejo”, foram listados pioneiros na luta abolicionista e figuras de grande relevância do passado, promovendo a curiosidade epistêmica da turma, e personalidades contemporâneas, promovendo o autorreconhecimento e a noção de que a luta da população



negra e sua influência sociocultural sempre esteve presente na história do Brasil e do mundo; no entanto, essa construção foi vítima de reiteradas tentativas de apagamento histórico, o que ressalta a importância de reverenciar quem está hoje mas também quem veio antes de nós.

Os estudantes, como era de se esperar, têm poucas referências negras, por isso, o professor disponibilizou uma lista com diversos nomes (entre cientistas, atletas, artistas e líderes abolicionistas) do Brasil e do mundo, para subsidiar as pesquisas com suas famílias, a fim de que trouxessem imagens para a composição do mural. Essa etapa marca um dos mais valiosos momentos pedagógicos dessa proposta, em que as crianças ampliaram consideravelmente seus repertórios de personalidades negras ao pesquisarem, trazerem imagens e dividirem com seus pares o porquê de suas escolhas. A construção de um pensamento e postura antirracistas que valoriza a cultura africana, afro-brasileira e se orgulha de seus iguais estava sendo construída de maneira coletiva e contextualizada.

É importante ressaltar que este é apenas um recorte de uma série de ações realizadas com a turma em questão, que fazem parte das práticas cotidianas e não se restringem a datas, disciplinas ou momentos específicos. Afinal, a construção de uma sociedade antirracista passa por uma pedagogia antirracista e uma escola das diversidades, que valoriza essa diversidade e a assume como uma “vantagem pedagógica”, termo utilizado por Candau (2012).

As práticas pedagógicas que aqui foram descritas, discutidas e fundamentadas, torna efetiva a concepção de uma educação para a emancipação humana, afinal, essa emancipação não existe enquanto o racismo estiver enraizado nas estruturas da nossa sociedade. É evidente que cada escola e suas respectivas comunidades têm características próprias, sendo assim, este trabalho não tem a intenção de dizer como fazer, mas sim que é possível fazer. Temos professores comprometidos com a luta antirracista e é necessário que esses docentes e suas práticas ganhem visibilidade para que juntos, em comunidade de aprendizagem docente e discente, tenhamos sucesso no projeto de sociedade que queremos construir: a sociedade plural.

Conclusões

O trabalho alicerçado em práticas pedagógicas antirracistas têm auxiliado as crianças a reconhecerem-se como pretas e pardas. Os casos de racismo entre os estudantes diminuíram ao longo dos meses e as crianças passaram a argumentar a partir dos conhecimentos adquiridos ao se depararem com situações discriminatórias no ambiente escolar.

A turma demonstra maior interesse em temáticas antirracistas. Ao se depararem com personalidades negras que não conheciam, os estudantes conseguiram se projetar em referências mais próximas de si mesmos, aumentando sua autoestima, autoconfiança e o pensamento crítico. Por fim, as práticas pedagógicas antirracistas no contexto escolar, aqui ilustradas por uma atividade sobre personalidades negras, mexe na estrutura de uma sociedade racista, ao desenvolver uma postura antirracista nas crianças de hoje, que construirão a sociedade que está por vir.

Palavras-Chave

Antirracismo. Interseccionalidade. Diversidade. Práticas Pedagógicas. Educação Escolar.



Referências Bibliográficas

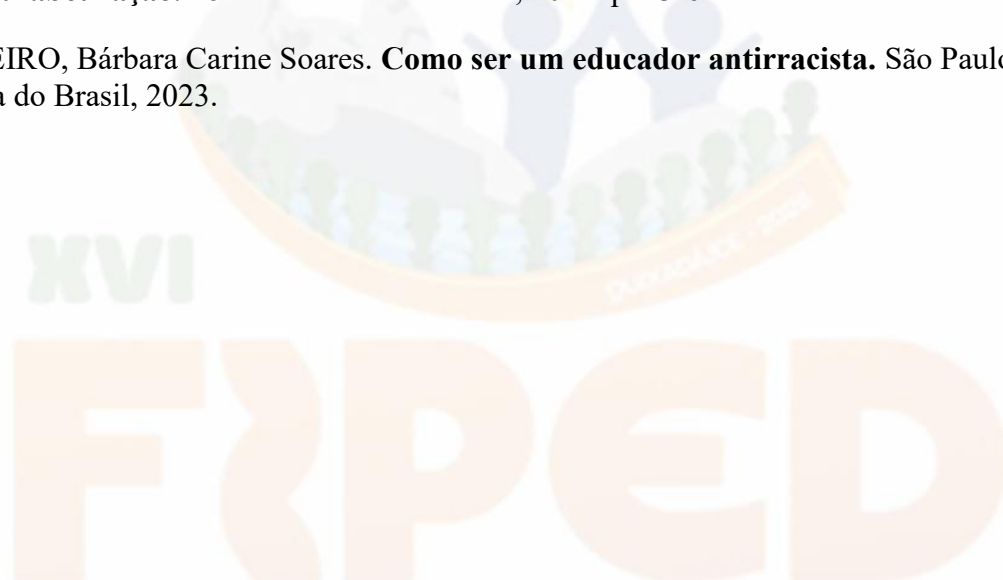
AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. In: AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. p. 13-33.

BRASIL. **Lei n. 11.645/2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639/2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena'. Brasília, DF, 11 mar.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf> Acesso em: 18 abr. 2026.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. A compreensão do sistema de escrita: construções originais da criança e informação específica dos adultos. In: FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 43-61.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de História da Pedagogia